

Salmo 89 e 2 Sm 7,12-16: Uma Leitura Davídico-Messiânica

FR. HERCULANO ALVES, OFM^{Cap}.

É a partir da análise do texto que poderemos penetrar melhor o significado do Sl 89. Para isso sugiro a marcação do mesmo com alguns sinais diacríticos: *italico* = terminologia real; sublinhado = termos cósmicos; **negrito** = termos que «negam» a realeza; **negrito italico** = qualidades divinas. As marcas laterais da apresentação do texto do salmo pretendem assinalar as partes do mesmo.

Prelúdio

¹ *Poema de Etan, o ezraíta.*

² Hei de cantar para sempre o *amor* (*hésed*) do Senhor;
a todas as gerações anunciarei a sua **fidelidade** (*'emûnah*)

³ Proclamarei que o teu *amor* (*hésed*) é para sempre,
e que a tua **fidelidade** (*'emûnah*) é eterna como o Céu.

⁴ «Fiz uma aliança com o meu eleito,
jurei a *DAVID*, meu servo:

⁵ 'Estabelecerei a tua descendência para sempre,
e o teu trono há de manter-se eternamente.'»

- 6 Os céus celebrem as tuas maravilhas, Senhor,
e a assembleia dos santos, a tua *fidelidade* (*'emûnah*).
- 7 Quem, nos céus, poderá comparar-se ao Senhor?
Quem, entre os deuses, se lhe poderá igualar?
- 8 Deus é *temível* (*na'araz*) na assembleia dos santos,
maior e *mais temível* (*nôra*) que todos os que o rodeiam.
- 9 Ó Senhor, Deus do universo, quem é como Tu?
Estás rodeado de firmeza e *fidelidade* (*'emûnah*).
- 10 Tu dominas a fúria dos mares
e amainas as suas ondas embravecidas.
- 11 Esmagaste Raab como um cadáver,
dispersaste os inimigos com o teu braço poderoso.
- 12 O céu é teu e tua é a terra;
formaste o mundo e tudo o que ele contém.
- 13 Tu criaste o Norte e o Sul;
o Tabor e o Hermon cantam o teu nome.
- 14 O teu *braço é poderoso*, a tua *mão é robusta*;
excelsa é a tua *mão direita*.
- 15 *A retidão e a justiça* são a base do teu *trono*;
o amor (*hésed*) e a *fidelidade* (*'émet*) caminham à tua frente.
- 16 Feliz da nação que sabe louvar-te, SENHOR,
que sabe caminhar na luz do teu rosto.
- 17 Em teu nome rejubila a toda a hora
e se gloria com a tua *justiça*.
- 18 Na verdade, Tu és a nossa *honra* e a nossa *força*;
com o teu *favor* (*ṣṭzôn*) alcançaremos a vitória.
- 19 O nosso *escudo* é o Senhor;
o nosso rei é o Santo de Israel!
- 20 Outrora declaraste, em visão, aos teus fiéis:
«Impus o meu *diadema* a um herói;
escolhi um *eleito* de entre o povo.

- 21 Encontrei *DAVID*, meu servo,
e *ungi-o* com óleo santo.
- 22 A minha mão *estará sempre com ele*,
e o meu braço há de *torná-lo forte*.
- 23 O *inimigo* não o há de surpreender,
nem o homem perverso há de *humilhá-lo*. Cláusula positiva: v.20-30
- 24 *Derrubarei* diante dele os seus opressores,
e *destruirei* os que o odeiam.
- 25 A minha *fidelidade* (*emûnah*) e o meu *amor* (*hésed*) estarão com
ele;
pelo meu nome crescerá o seu *poder*.
- 26 Estenderei o seu *poder sobre os mares*,
e *sobre os rios, o seu domínio*.
- 27 Ele me invocará, dizendo: '*Tu és meu pai*,
és o meu Deus e o rochedo da minha salvação!'
- 28 E Eu farei dele o *primogênito*,
o maior entre os reis da terra.
- 29 Hei de assegurar-lhe para sempre o meu *favor* (*hésed*),
e a *minha aliança* com ele há de manter-se *firme*.
- 30 Estabelecerei para sempre a sua *descendência*,
e o seu *trono* terá a *duração dos céus*.
*
- 31 SE os seus filhos abandonarem a minha lei
e não seguirem os meus preceitos; Cláusula negativa: v.31-33
- 32 se violarem as minhas ordens
e não guardarem os meus mandamentos,
- 33 ENTÃO hei de castigar severamente as suas rebeldias,
e fazê-los sofrer pelas suas maldades.
*
- 34 MAS não lhes retirarei o meu *favor* (*hésed*),
nem faltarei à minha *promessa*.
- 35 Não quebrarei a minha *aliança*,
nem mudarei a palavra dos meus lábios.
- 36 Jurei uma vez pela minha *santidade*;
de forma alguma enganarei *DAVID*! Cláusula positiva: v.34-38

- 37 A sua descendência permanecerá para sempre,
e o seu trono será como o Sol, na minha presença;
38 estará firme para sempre como a Lua,
testemunha fiel no firmamento.»

39 **NO ENTANTO**, ó Deus, Tu rejeitaste
e abandonaste o teu ungido
e te aborreceste com ele.

40 Renegaste a aliança com o teu servo,
deitaste por terra a sua coroa.

41 Derrubaste todos os seus muros,
reduziste a escombros as suas fortalezas.

42 Todos os transeuntes o saquearam;
escarneceram dele os seus vizinhos.

43 Ergueste a mão dos seus inimigos,
encheste de alegria todos os seus adversários.

44 Mas a ele embotaste-lhe o fio da espada
e não o auxiliaste na batalha.

45 Fizeste cessar o seu esplendor,
deitaste por terra o seu trono.

Lamentação: v.39-52

46 Abreviaste os dias da sua juventude
e cobriste-o de vergonha.

*

47 **ATÉ QUANDO**, Senhor, continuarás escondido?
Até quando arderá a tua ira como fogo?

48 Lembra-te que é breve a minha existência!
Foi para isto que criaste os seres humanos?

49 Quem poderá viver sem ver a morte?
Quem se poderá livrar das garras do abismo?

50 Onde estão, Senhor, os teus *favores* (*hésed*) de outrora,
que juraste a *DAVID* pela tua fidelidade?

51 Lembra-te, Senhor, das ofensas contra o teu servo;
levo no peito os ultrajes de todas as nações,

52 com que os teus inimigos nos ofendem, Senhor,
e insultam a cada passo o teu ungido!

53 Bendito seja o SENHOR para sempre!
Ámen! Ámen!¹

Este estudo está dividido em dois breves capítulos: no primeiro, estuda-se a estrutura e composição do salmo, o que concorre para a sua interpretação; no segundo, estuda-se o salmo propriamente dito, a partir da vertente fundamental: «Teologia de 2 Sm 7,12-16 e Sl 89». O paralelismo entre estes dois textos será apontado em esquemas que oferecerão uma visão de conjunto. Estudarei o salmo na sua sincronia e canonicidade, sem ter em conta a sua evolução diacrónica ou outros aspetos de crítica textual.

1. Estrutura e composição

Para uma correta leitura do Sl 89 e do seu paralelo 2 Sm 7,12-16, reparamos nas peças que o compõem e no modo como as mesmas estão colocadas no conjunto do texto, a fim de manifestar uma estrutura significativa. Daí a razão do presente título.

¹ O texto do salmo segue, quase à letra, o da *Bíblia Sagrada* da Difusora Bíblica, Fátima/Lisboa, 5.^a edição, 2008. Alguma bibliografia mais importante: Gunkel, H., *Introducción a los Salmos*, Edicep, [Institución San Jerónimo], trad. esp. *De Die Psalmen*, Göttingen, 1962, Valencia, 1983, pp. 161-190; SCHÖKEL, Luis A., *Nueva Biblia Española, Salmos*, II, pp. 1139-1164; LAATO, A., *Second Samuel 7 and Ancient Near Eastern Royal Ideology*, CBQ, 59, 1977, pp. 244-269; CHILDS, B. S., *Biblical Theology of the Old and New Testaments*, SCM Press, Londres, 1992; MORGENSTERN, J., *The cultic setting of the enthronement psalms*, HUCA, 1964, pp. 1-42; KRAUS, H. J., *Teología de los Salmos*, Ed. Sígueme, 19962, pp. 389-395; Idem, *Los Salmos*, II, Sígueme, Salamanca, 1995 (original alemão: 1989⁶), pp. 389-395; DI GENNARO, G. (ed.), *L'Antico Testamento, interpretato dal Nuovo*, EDB, Napoli, 1985, pp. 307-323; GARCIA CORDERO, *El mesianismo dinástico-Davidico y el concepto de realza sacra en el Antiguo Oriente*, em *De la Torah au Messie*, Mélanges Cazelles, Paris, 1981, pp. 263-273; LIPINSKI, *Le poème royal du Psaume LXXXIX,1-5.20-38*, Paris, Gabalda, 1967; LEVENSON, J. D., *The Davidic Covenant and its modern interpreters*, CBQ 41, 1979, pp. 205-219; CLIFFORD, R. J., *Ps 89, A lament over the Davidic ruler's continued failure*, HTR 73, 1980, pp. 35-47; DRIJVERS, P., *Les Psaumes – genres littéraires et thèmes doctrinaux*, LD 21, Paris, 1958, pp. 161-174; BEAUCHAMP, Paul, *Los Salmos noche y día*, Cristiandad, Madrid, 1980, pp. 199-207; BEAUCAMP, Evode, e DE RELLES, Jean-Pascal, *Israel regarde son Dieu*, Paris, 1964, pp. 52-57.246-252; WEISER, A., *I Salmi*, Paideia, Brescia, 1984 (original de 1966), pp. 645-652; JACQUET, Louis, *Les Psaumes et le coeur de l'homme*, II, Paris, 1977; RAVASI, G., *Il Libro dei Salmi*, vol. II, EDB, Bologna, 1983, pp. 821-862; DAHOOD, *The Linguistic Position of Ugaritic in the light of recent discoveries*, em *Sacra Pagina*, Paris-Gembloux, 1959, pp. 267-279; COPPENS, J., *Le Messianisme Royal*, Cerf, LD 54, Paris, 1968; VERMEYLEN, J., *Le Dieu de la Promesse et le Dieu de l'Alliance*, Paris, LD 126, Paris, 1986, pp. 131-156; RENTDORFF, R., *La formula dell'alleanza*, Paideia, Brescia, 2001; JAUBERT, Annie, *La notion d'Alliance dans le judaïsme aux abords de l'ère chrétienne*, Seuil, Paris, 1963.

1.1. Primeira parte (v.2-19)

A 1.^a parte é de tipo cósmico. Celebra o próprio Deus como rei do universo e de Israel, em particular; é iniciada por um Prelúdio.

Prelúdio e tema (v.2-5): Como acontece numa peça musical, anuncia-se aqui a temática fundamental, assim como o *leitmotiv*, que consta de três verbos de louvor: *Hei de cantar o amor do Senhor; anunciarei a sua fidelidade; proclamarei o teu amor*. Estes verbos preparam a temática central (v.4-5), citando-se explicitamente 2 Sm 7,16: a aliança que Deus estabeleceu com a dinastia de *David*, nome que está explicitamente quatro vezes no salmo (v.4.21.36.50). Estas duas notas de otimismo – reforçadas pelo «amor» (*hésed*) e «fidelidade» (*'emûnah*) de Deus – dão o tom a todo o texto até ao v.30.

Portanto, os v.4-5 da 1.^a parte antecipam e resumem toda a 2.^a parte, sobre a esperança messiânica fundada numa aliança com David. Insiste-se na *eternidade* do trono de David (*'ad-ôlam; ledôr wadôr*: v.5), tal como é «eterna» (*'ôlam*) a fidelidade (*'emûnah*) de Deus (v.3a). A menção de *David* e da sua *descendência* ligam este Prelúdio ao *Rei-Senhor de Israel* da 1.^a parte (v.19), fazendo, assim, a ligação temática da 1.^a parte com a 2.^a, que é davídica por excelência. É nesta *fidelidade* e no *amor* de Deus, *construídos* nos céus (*banah bashamaim*: v.3b), que assenta a *descendência eterna* de David.

Hino cósmico (v.6-19). O hino a Deus-Rei universal e cósmico – onde abundam os termos cósmicos (ver o sublinhado nos v.6-13) – prepara a eleição de David para seu representante na Terra, na 2.^a parte; os v.14-19, pelos termos antropomórficos utilizados, preparam a realeza de Deus em ação (termos em *itálico*). Aliás, a temática de Deus-Rei é comum nos «salmos reais», sobretudo nos «salmos *Javé-malak*».² Os v.18-19 estão na 1.^a pessoa do plural, como um *refrão da comunidade*.

² Este subgénero de salmos inclui os seguintes: Sl 47; 93; 96-99. Esta expressão introduz mesmo os Sl 93, 97, 99. Nos outros, aparece em lugares diferentes: Sl 96,10; 47,9. Javé é ainda chamado *mélek* nos Sl 5,3; 9,37; 24,7; 29,10; 44,5; 68,25; 74,12; 84,4; 95,3; 98,6; 99,4; 145,1, assim como em muitos outros textos bíblicos. Sobre o Sl 93, ver Alves, Herculano, *O Salmo 93. Estrutura e significado*, Didaskalia XVII/2, Lisboa, 1987, pp. 397-428.

Esta 1.^a parte aparece como um combate contra o Caos, um mito régio, no sentido em que Deus conquista a supremacia sobre o cosmos, para depois a partilhar com o rei terreno. Este mito servia para dar aval a uma qualquer instituição monárquica, e os reis reclamavam como protetora uma divindade vencedora do Caos (Sl 89,10-11). Os v.16-19 ressaltam, num clima de louvor, o poder do Senhor-Rei do Céu, que fará participante do seu poder o rei terreno. Este louvor é cantado no mesmo tom do Prelúdio. É deste modo que o grande hino ao Criador, desta 1.^a parte, passa a palavra à História, da 2.^a parte, pois o poder do Céu tem, no rei *eleito* e *ungido*, o seu delegado na Terra. Assim se faz a ligação entre o Prelúdio, a 1.^a e a 2.^a partes.

1.2. Segunda parte (v.20-38): Oráculo profético em favor de David

A 2.^a parte começa bruscamente com um «outrora» (*'az*), transportando-nos do presente de louvor para o passado histórico da aliança davídica. É a parte central, a que mais nos interessa, e à qual poderíamos chamar *Oráculo profético de aliança* do Senhor com David, já anunciado no Prelúdio (v.4-5).

Há neste oráculo uma *cláusula positiva* ou *promessa* (v.20-30), dominada pela *escolha* e pelo *hésed* divino (v.20.29), em favor da dinastia davídica. Segue-se uma outra *cláusula negativa* (v.31-38); as duas separam-se por uma conjunção condicional (*'im... + w conclusivo*: se... então...), que introduz as leis casuísticas, próprias do Dtr. Assim, os v.31-32 seriam a *prótase* da frase, sendo o v.33 a sua *apódose*, iniciada por um *w* conclusivo: *Então, hei de castigar...*

Os v.34-38 iniciam, com um *w* adversativo, uma terceira secção desta 2.^a parte. É a cláusula da benevolência divina: Se pecarem, depois da Aliança, mesmo assim, não lhes retirarei o meu favor. O Senhor não deixará cair na desgraça a descendência de David.

É nesta 2.^a parte do salmo que é aplicado o oráculo de Natan à dinastia davídica, porquanto 2 Sm 7 parece falar mais da pessoa de Salomão, pelo facto de ser ele o «construtor» do templo da dinastia. Cada dinastia deveria ter o seu deus protetor e o seu templo próprio. Ora, o salmo alarga a visão

a toda a dinastia davídica, apesar de não falar de Natan, mas dos «fiéis» do Senhor. O texto oracular de 2 Sm 7,16 é a base da releitura feita pelo nosso salmo:

וְנִצָּחַן בֵּיתְךָ וּמַמְלַכְתְּךָ עַד-עוֹלָם לְפָנֶיךָ כְּסֶאֱדָה יְהִיָּה נֶכֶן עַד-עוֹלָם:¹⁶

(A tua casa e a tua realeza permanecerão firmes para sempre diante de ti; o teu trono será estável para sempre.)

Quanto à ligação da 2.^a parte com a 3.^a, as coisas parecem mais simples, porque a *lamentação*, que lhe é própria, decorre de uma catástrofe que aconteceu à dinastia.

1.3. Terceira parte (v.39-52): Lamentação sobre o presente e súplica para o futuro

Os termos da 3.^a parte contrapõem-se claramente aos da 1.^a e sobretudo aos da 2.^a: são termos que «negam» a realeza da dinastia davídica. Por isso, coloco-os em negrito³. Está também intrinsecamente ligada à parte central – a 2.^a – pelo vocabulário de lamentação que tem como objeto as alusões davídicas dos v.50.52. Nesta lamentação, iniciada por um *w* adversativo, podemos encontrar duas partes, ou estrofes, muito diferentes:

a) v.39-46: *Lamentação* sobre a «Casa de David» arruinada. Há um violento contraste com a 1.^a parte, dedicada a Deus, e com a 2.^a, dedicada a David;

b) os v.47-52 continuam a *lamentação*, mas agora em termos de súplica, onde abundam as interrogações: *Até quando?* As lamentações bíblicas têm neste tipo de interrogações um elemento importante acerca do porquê de uma catástrofe (Lm 5,20-22; ver 1,20; 4,20). Poderíamos distinguir ainda uma parte jurídica, a do castigo (v.39-46), e a da súplica com que termina o salmo (v.47-52). Estes elementos podem situá-lo numa época pouco tranquila, talvez antes ou depois da destruição de Jerusalém.

³ Esta lamentação encontra paralelos noutras lamentações comunitárias de Israel (Sl 44, 74, 78). Tudo isso prova a estrutura unitária do Salmo, onde aparece a fundação do mundo, como ação primordial de Javé, que tudo domina, e a fundação da dinastia davídica, para dominar sobre os povos; mas agora, esta parece afogar-se nas *maim rabbim* dos inimigos de Israel (Sl 93,3-4). Deste modo, a lamentação final «exige» a 1.^a e a 2.^a partes do Salmo.

c) O v. 53 faz inclusão com a temática do Prelúdio (v.2-3), onde predominam os verbos de louvor, como apelo à esperança de um novo David para Israel. Mas trata-se de um versículo tardio, porque é a doxologia final do 3.º Livro dos Salmos. Apareceu já no ambiente litúrgico, em que, por questões práticas, se dividiu o Saltério em cinco livros. Por isso, seria melhor não considerar este versículo como pertencendo ao salmo.

Esta divisão do salmo em três partes pode ser ainda reforçada pelos três tempos que nele se encontram: o *presente* do hino é de *desilusão*, embora o Prelúdio (v.2-3) tente «disfarçá-la»; o *passado* da promessa feita a David é *positivo*, risonho; o *futuro*, depois da situação presente de fracasso, é de *confusão*; mas parece haver motivos para a esperança messiânica (v.20-52). Assim, a 1.ª parte aponta para a 2.ª, essencialmente davídica, e a 3.ª é, no fundo, a saudade do antigo reino davídico. David está presente sobretudo na 2.ª parte, com uma inclusão nos v.21.36.

Quanto aos textos em questão – Sl 89 e 2 Sm 7,12-16 – talvez dependam de uma matriz comum, que teria como temática central a promessa divina condicionada à fé dos membros da dinastia, mas incondicionada, no que diz respeito à substância da promessa divina (v.31-38). Há quem defenda a unidade das três partes como uma celebração cultual:

a) a entronização do rei como símbolo da entronização de Javé, Rei do universo;

b) um oráculo a favor do rei pronunciado por um profeta, fazendo dele o representante na Terra do Rei do Céu;

c) finalmente, a humilhação ritual do rei, segundo o esquema de um mito assiro-babilónico. Mas penso que não necessitamos de liturgizar o salmo, para o explicar, já que é mais certo o seu *Sitz im Leben* áulico do que o da liturgia do templo.

Resumindo, poderíamos dizer que o Sl 89 tem três partes bem nítidas, centradas num «filão real», descoberto através de:

a) *vocabulário real cósmico*: v.2-19;

b) *vocabulário real antropológico* (davídico): v.20-38;

c) *lamentação/oração pela dinastia davídica*: v.39-52.

Nelas, a *parte davídica* do salmo é central, quanto à importância estrutural e teológica do texto. No seguinte esquema, sugerido por Ravasi (p. 837), podemos antecipar os três géneros literários do Sl 89, relacionando-os com a estrutura do mesmo:

1. **Prólogo hímnico:** v.2-5: Recordação da *Promessa* passada, de 2 Sm 7
2. **Hino cósmico:** v.6-19: Tempo passado, indefinido, do «princípio»
3. **Oráculo histórico:** v.20-38: Recorda 2 Sm 7 e «atualiza-o» para a descendência:
 - v.20-29: Eleição de David
 - v.30-38: Descendência de David
4. **Lamentação:** v.39-52: Lamentação sobre o momento presente:
 - v.39-46: Parte jurídica
 - v.47-52: Oração final da lamentação

2. Teologia de 2 Sm 7,12-16 e Sl 89

A relação entre os dois textos tem a sua máxima expressão no tema central, que é a dinastia davídica, e certamente 2 Sm 7 é obra do historiador Dtr. Este autor herdou textos antigos da tradição davídica e redigiu-os à sua maneira. São textos fundamentais para perceber a realeza de Israel e todos os textos bíblicos posteriores sobre a dinastia davídica. 2 Sm 7 é mesmo o prólogo de toda a História da Sucessão de David, que continua em 9-20 e 1 Rs 1-2. Além disso, mantém uma relação estreita com os textos do *back ground* cultural e religioso do Médio Oriente Antigo, e com o Sl 89, sem esquecer o seu paralelo, o Sl 132. O texto de 2 Sm 7 deve ler-se, pois, no contexto da obra histórica deuteronomista. Além do mais, este oráculo tornou-se a base de todo o messianismo real de Israel e do cristianismo.

2.1. Um salmo real davídico

Numa leitura atenta, é fácil verificar que o Sl 89 tem, pelo menos, três géneros literários: há hino, oráculo e lamentação. É um salmo antológico. Mas esta variedade literária converge para o oráculo, ou melhor, para a temática da promessa de Deus a David (v.6-19); e esta tem como pedras fundamentais a *fidelidade* e o *amor* do Senhor, rei do cosmos.

É o *vocabulário real* que nos dá uma ideia mais segura sobre este assunto, a partir da realeza cósmica divina: *deuses*, ou *assembleia* divina do céu (v.7-8); luta com monstros das cosmogonias: *mares*, *ondas*, *Raab* (v.10-11);

a retidão e a justiça (v.15), duas entidades que assistiam o deus *Shamash* (Sol); «filho de Deus» (v.27-28), da ideologia real do Médio Oriente Antigo.

Um esquema sobre o vocabulário pode elucidar-nos, a nível filológico e semântico, mas também acerca da teologia e da correspondência entre o «Céu» e a «Terra», ou seja, sobre o *trono* de Deus e o *trono* davídico:

Sl 89 – Deus no Céu	Dinastia davídica: 2 Sm 7
<i>hésed</i> : v.2.3.15.20.25.29.34.50	
<i>’emûnah</i> : 2.3.6.9.(15).25.(29).34.38.50	
<i>’ôlam+ledôr wadôr</i> : v.2.3.5.5.	v.13.16.16.29 (da promessa)
<i>kwn</i> (estabilidade): v.3.5	v.13.16.24.26
<i>banah</i> (construir): v.3.5.	
<i>’aretz</i> (Terra): v.12.28	v.3.9.23
<i>ks’</i> (trono): v.5	v.13.16
<i>’ôyeb</i> (inimigos): v.11 (cósmicos)	v.1.9.11 (históricos)
<i>’az</i> (força): v.11.14	
<i>yad</i> (braço+mão+direita): v.14.22	
<i>yam</i> (mar cósmico): v.10	
<i>berît</i> : v.4.29.35.40	
<i>mélek</i> : v.19.28	
<i>David</i> : v.4.21.36.50	v.5.17.18.20.26 (inclusão)

A leitura deste quadro permite-nos concluir:

a) o domínio de dois termos técnicos, que pertencem ao vocabulário da aliança: *hésed* e *’emûnah*, que Deus dispensa a David e à sua dinastia;

b) abundam igualmente termos relacionados com a *eternidade* da aliança e da *força* que Deus irá mostrar em favor da dinastia⁴.

Apesar da ausência explícita do termo *rei* (*mélek*)⁵, referido apenas ao rei terreno, tanto no Sl 89 como em 2 Sm 7, encontramos-nos perante um hino em honra do Rei do Céu (v.6-19) e do rei David (v.20-52), conteúdos que abrangem quase todo o salmo⁶. O vocabulário referido – tanto para Deus-rei como para David-rei – mostra que Deus é rei e delega, na terra, o seu poder a David⁷. Reforça esta ideia o vocabulário e a ideia de *trono* (*ks'*: v.5.15.30.37.45; 2 Sm 7,13), termo equivalente a rei, o qual tem o seu trono na cidade real, como Deus tem o seu trono no Céu.

David não era, pois, um rei autónomo, mas apenas um «príncipe» (*nagîd*) de Javé. A figura do rei estava adornada de uma dignidade religiosa e esta «divinização» do poder real faz dele um «filho» de Deus, absolutamente dependente do seu *Par*⁸. Esta nota transparece sobretudo na parte negativa do oráculo (v.39-46): Deus castiga o rei ou a sua descendência, como um pai castiga o próprio filho. Não é um *castigo* sem-fim, mas apenas transitório e pedagógico, como ponto de partida negativo para o messianismo do salmo (v.31-33). É por David ser chamado «filho» de Deus que tem o «direito» a ocupar o Seu trono em Israel. É nesse sentido que devem ser entendidas certas afirmações relacionadas com o Sl 89:

* *Eu o estabelecerei (a David) na minha casa e no meu reino para sempre* (1 Cr 17,14);

* *Ele escolheu o meu filho Salomão para se sentar sobre o trono da realeza do Senhor e reinar sobre Israel* (1 Cr 28,5);

* *Salomão tomou posse do trono do Senhor como rei, no lugar de David, seu pai* (1 Cr 29,23);

⁴ São de notar ainda, no Sl 89, os seguintes termos ligados à aliança: *shanah lhl berît* (mudar, profanar a aliança), v.35 (ver Ml 2,10); *n'r berît*: renegar a aliança, v.40.

⁵ O termo *mélek* para o rei terreno aparece implícito no v.28.

⁶ O termo *mélek* é tardio; David era um simples *nasî* ou *nagîd* (1 Sm 25,30; 2 Sm 5,2; 6,21; 7,8). O Sl 110,1 afirma: *Disse o Senhor ao meu senhor* (o rei): *Senta-te à minha direita* (...); porque esse era o lugar da pessoa que tinha mais autoridade logo a seguir ao rei. Aqui, Deus ocupa o trono, e o lugar do rei é o de estar «à direita» de Deus.

⁷ São diretamente davídicos, ou seja, os que mencionam o seu nome, os Sl 18,51; 78,70-72; 89,4.21.36.50; 122,5; 132,1.10.11.17; 144,10.

⁸ O povo da Bíblia terá uma enorme relutância em conceder ao rei de Israel a dignidade sacerdotal e, sobretudo, a filiação divina, privilégios normais noutras monarquias do mesmo ambiente cultural.

* *Bendito seja o Senhor, teu Deus, que te escolheu e colocou no seu trono, como rei ao serviço do Senhor, teu Deus* (2 Cr 9,8)⁹.

Assim, os *hinos e cantos do palácio* real tornaram-se hinos religiosos, que podiam igualmente ser cantados no templo da cidade onde morava o rei. O tema da *construção de uma casa* para o rei e para Deus (2 Sm 7,2.5-7.11b.13) pertence ao contexto do nosso salmo¹⁰; e cantos deste tipo inseriam-se nas *festas* do palácio, em honra do rei. A fórmula oracular servia para apresentar votos e desejar-lhe os maiores sucessos, como acontece aqui (Sl 89,4-5.20-39): um reinado duradouro, *uma descendência para sempre* (...), *e o seu trono* [terá uma douração] *como o Sol, como a Lua* (Sl 89,37-38; ver 2 Sm 7,16; 132,12.17).

A duração do trono e da dinastia (2 Sm 7,16; Sl 89,5b.30b), perante os inimigos (v.23-24), dependia de uma *promessa* feita pelo «Deus da dinastia», que chega ao ponto de fazer *um juramento de fidelidade* ao rei terreno, isto é, uma aliança (Sl 89,36-37; ver 2 Sm 7,16; Sl 110,4; 132,11). Mas também se faziam recriminações aos reis, as quais se encontram, de forma indireta, nos dois textos aqui considerados: Sl 89,31-33.39-46 e 2 Sm 7,14b.

Os salmos deste tipo apresentam um rei idealizado, a partir da vocação e missão de David; e nessa imagem do rei se revia o próprio Israel, como povo escolhido por Deus. Este davidismo do salmo atinge o seu auge quando ele é chamado «altíssimo» (*'elion*), título divino por excelência (v.28b: *Eu farei dele (...) um 'elôn, o maior entre todos os reis da terra*¹¹).

A perspectiva do «eu» do salmo oferece-nos, também, uma visão coletiva do desastre de Israel. O salmista fala perante a plateia da História humana, na frente do palco, enquanto, na *lamentação* sentimos um povo sofredor, ao fundo do palco, num qualquer momento negro da História de Israel. Sempre na perspectiva actancial, vemos que este «eu» se transforma

⁹ Note-se que não existe na Bíblia a expressão «filho de Deus» (*ben-*), mas Deus é chamado «pai» (*ab*) de David (v.27a); mais ainda, este é chamado «primogénito» (*becôr*) e sobretudo *'elyon*, título que só aqui aparece aplicado aos reis da terra.

¹⁰ Neste tipo de salmos reais, um profeta, que intervinha no ritual de entronização do rei, fazia-lhe os mesmos votos que Natan a David. Estes textos terão ficado como modelos literários e foram retomados de várias maneiras para exprimir a ideologia real de outras culturas, como deve ter sido o caso da Bíblia.

¹¹ Outros textos davídicos: Sl 2; 78,70-72; 110; 132; 2 Sm 22,51; 23,1-5; 1 Rs 3,6; 2 Cr 13,5 (*aliança perpétua*); 21,7; Is 1; Jr 33,20-22 (*aliança com David*); Ez 34,23-25a (*aliança de paz*); 37,24; Am 9,11.

num «nós» (v.52), pois o salmista representa, perante o «Tu» divino, toda a comunidade de Israel. O curioso do poema é que, colocando o rei no centro das suas preocupações, o seu autor deixa-o sempre em terceira pessoa: o rei não é mais que um simples «ele», aparentemente ausente do palco da história contada, mas no centro das atenções de Deus, do salmista e do povo.

O Sl 89, assim como 2 Sm 7 e os «salmos reais» em geral, pretendem a exaltação dos reis davídicos. É com este pressuposto que lemos este género de salmos.

Podemos, pois, afirmar que no Sl 89 estão presentes, explícita ou implicitamente, alguns elementos essenciais à ideologia real (rei, trono, capital real, divindade protetora do rei da dinastia...), os quais organizaram o cliché da ideologia real. Os «salmos reais» estão construídos a partir desta ideologia e manifestam este cliché, apresentando a figura do rei e a sua função em Israel.

2.2. Um salmo de aliança

O termo e a ideia de *berît*, presente no salmo (v.4-5.29-30.37-38); a *eleição* e *unção* de David para rei (v.20-21); a proteção oferecida contra os seus inimigos (v.22-25); a sua exaltação (v.26); a relação filial com Deus (v.27-28) e, sobretudo, a *aliança eterna* (v.4-5.29-30.34-38) feita com David e com a sua descendência, mesmo depois da rebeldia (v.31-33), são elementos que manifestam um salmo de aliança. Esta está fundada na fidelidade de David e dos seus descendentes a Deus, mas sobretudo na *fidelidade* do próprio Deus à dinastia (v.34-36). A expressão técnica *shamar berît* (guardar a aliança: v.29) prova também que estamos perante um texto de aliança, ou pelo menos, recorda a que é sugerida no texto de 2 Sm 7,12-16¹². O oráculo do profeta Natan de 2 Sm 7,16 é aqui citado (v.5.28-30.37-38), implícita e explicitamente, embora lhe falte o termo *berît*.

¹² A expressão *shamar berît* encontra-se em Gn 17,9.10; Ex 19,5; Dt 7,9.12; 1 Rs 8,23; 2 Cr 6,14; Ez 17,14; Sl 78,10; 89,29; 103,18; Ne 1,5; 9,32; Dn 9,4.

Um outro argumento a favor da aliança é a ideia de um Deus nacional, presente nos dois textos, que era um profundo sinal de independência de um povo, sobretudo a partir da ideia de Casa-templo.

Algumas diferenças se podem apontar entre estes dois textos de aliança, a mais importante das quais parece ser a da extensão temporal do oráculo. A quem é dirigido? A Salomão ou a toda a «descendência» de David? No oráculo de Natan, não se excluem os descendentes de Salomão; mas este salmo alarga explicitamente a visão a toda a dinastia. Por outro lado, no Sl 89 não se fala de Natan, mas dos «fiéis» do Senhor. Quem são? Mas, se colocarmos o singular «fiel», como também é possível, então seria, naturalmente, Natan, e teríamos mais uma coincidência entre os dois textos. Vejamos, pois, um quadro das diferenças e semelhanças entre eles:

2 Sm 7,8-15	Salmo 89
v.8: Recorda a eleição de David	v.20-21: Eleição de David
v.9-11: Recorda a proteção divina	v.22-26: Promessa de proteção divina
v.12: Promessa do trono à descendência	
v.14: Fórmula de adoção filial de Salomão	v.27: Fórmula de adoção do rei David
	v.28: Promessa de glorificação de David
	v.30: Idêntica promessa à dinastia
v.14b: Recriminações	v.31-33: Recriminações
v.15: Promessa condicionada	v.31-37: Promessa condicionada
v.15: Não retirarei o meu favor	v.34: Não retirarei o meu favor + Promessa
v.17: É Natan que transmite o oráculo a David	v.20: «Teus <i>fiéis</i> »
	v.4.29.35.40: <i>Berît</i>

	v.4a.35: <i>Promessa com juramento</i>
v.13.16: Trono de David-Salomão	v.5b.30b.37b.45: <i>Trono</i>
v.18-29: Oração de David	v.39-52: Oração do rei
v.14b: A promessa é absoluta	v.31-33: A promessa é absoluta
v.15: Aliança não quebrada	v.34: Aliança não quebrada por Deus
v.14b: Previstas sanções para Salomão	v.31-33: Previstas sanções para a dinastia
v.15: Fidelidade absoluta para Salomão	v.4b-5.36-37: Fidelidade para a dinastia
v.2.5.13: Construção de um templo	
	v.27: É David que invoca o Senhor
v.16: Oráculo de Natan feito a David	v.5.28-30.37-38: Todo o oráculo de Natan
v.14-15: Duração temporal da dinastia (Salomão)	v.5a.30a.37a: Duração eterna da dinastia
	v.21b.52: Unção de David e outro
	v.21.39.52: <i>Ungido</i> : reis davídicos
v.2.5-7: Casa-templo	
v.11b.16: Casa-dinastia	
v.12.13: Casa-templo + dinastia	

As diferenças entre os dois textos não devem alarmar, pois os autores bíblicos não faziam citações rigorosas; está também em causa a liberdade poética que deixa a livre iniciativa ao autor para refazer o texto mais antigo, à sua maneira. Por isso, sempre que o oráculo de Natan é citado sofre algumas alterações. A partir deste pressuposto, entendemos também a dificuldade de interpretar o sujeito do oráculo¹³. Tendo em conta este

¹³ Discute-se muito a identidade do sujeito desta expressão. Serão os profetas da corte que,

paralelismo, a ideia de «aliança», frequente no salmo (v.4.29.35.40), é seguramente reforçada, não apenas aqui, mas também no próprio texto de 2 Sm 7. A perenidade do trono é resolvida em 2 Sm 7,16: *A tua casa e o teu reino permanecerão para sempre (...) e o teu trono está firme para sempre*. Não se trata, pois, unicamente de Salomão.

Poder-se-ia dizer ainda que o Sl 89 é uma visão poética do oráculo de Natan, acentuando e aplicando a toda a dinastia o dramatismo (devido à lamentação) que já se encontrava *in radice* em 2 Sm 7,14b. Esta universalização atinge os quatro séculos e meio da independência de Israel e de Judá. A releitura de 2 Sm 7 feita pelo Salmo 89 alarga os horizontes de Natan-David-Salomão, para sempre¹⁴.

2.3. Um salmo messiânico

Apesar de entrarmos no terreno movediço do messianismo, perguntamo-nos se o sentido final do Sl 98 não será o messianismo. Não basta que apareçam os termos *ungir, ungido, Messias...* Este messianismo aparece mais claramente no *leitmotiv* dos v.4-5 e no *Oráculo* (v.20-38), onde é anunciado um futuro risonho para a dinastia. Foi a partir deste facto que a Sinagoga interpretou os salmos reais como messiânicos, depois da queda da monarquia. Este argumento tem a sua força, se compararmos a figura do Messias, apresentada pelos profetas, e a figura do rei idealizado, apresentado pelos salmos reais.

Na lamentação final ouve-se o toque de finados da dinastia davídica. Para convencer o Senhor, o orante recorre a todos os argumentos de que dispõe, inclusive do mundo cósmico. Segundo este argumento, o mal que acontece ao rei, acontece também ao povo, que está silencioso no fundo do cenário do Sl 89. Se Ele não intervém, estas desgraças jogarão em desfavor

cada ano, iam repetindo o oráculo de Natan ou outro semelhante, na eventual festa da coroação do rei? Quem são estes *fiéis*? Samuel e Natan? Ou deveria ler-se simplesmente, em Sl 89,20a, *o teu fiel*, numa possível leitura de *lehasideka*, que a *Stuttgardensia* recorda. Neste caso, «o teu fiel» e Natan seriam o único sujeito dos verbos nos dois textos, e evitar-se-iam todas as hipóteses, por vezes complicadas. Isso não impediria que víssemos também, no salmo, de modo implícito, todos os reis davídicos causadores da desgraça que motivou a lamentação do Sl 89,39-53.

¹⁴ A aliança com David encontra-se também em 2 Sm 23,5; 2 Cr 13,5; 21,7; Sl 89,4.29.40; e com juramento, nos Sl 89,4 e 132,11.

do próprio Deus que, afinal, é quem fez o juramento e ofereceu a aliança. A sua única saída é resolver o drama messiânico num futuro não muito longínquo (!).

O sentido messiânico do salmo pode entender-se também, se o situarmos num determinado momento histórico, à volta do Exílio, em que as saudades do passado começaram a funcionar como um ponto de apoio para pôr em marcha a esperança num futuro rei definitivo, num novo David¹⁵. Se a estabilidade dos céus deve ser como a do *Sol e da Lua* (v.30.37-38), se Deus garante a estabilidade da Terra, perante a fúria dos elementos aquáticos (os *maïm rabbîm*, dos «rios» e «mares»: Sl 93,3-4), porque não garantiu a *estabilidade* do trono davídico? Se Deus prometeu construir «uma casa» para David e para a sua descendência, porque deixou destruí-la? A estas questões só Cristo-Messias respondeu.

O messianismo poderia considerar-se uma luz ao fundo do túnel, que o salmista não chegou a ver, e assenta na *idealização do rei*, tema que representa a saudade da época em que a dinastia davídica funcionava plenamente e garantia a perenidade de todas as instituições de Israel. Isso irá colocar em marcha toda a dinâmica do messianismo real de Jesus Cristo: a esperança de um outro rei, o definitivo, esse, sim, eterno e não sujeito às veleidades e fraquezas da condição humana dos reis históricos da dinastia davídica e que dará a real *perenidade e estabilidade* às instituições de um «Novo Israel». Naturalmente, os cristãos viram este salmo plenamente realizado em Cristo, «Filho de David», apesar de o citarem relativamente poucas vezes, devido às suas conotações políticas, com as quais Jesus de Nazaré nunca se identificou¹⁶. Mas foi neste sentido que o leram os Padres da Igreja e toda a Tradição.

Temos, assim, neste salmo, um esquema da História da Salvação, em três partes: Aliança de Deus com David; insucesso da sua dinastia; esperança messiânica de restauração em Cristo.

¹⁵ Não entramos aqui na espinhosa questão do messianismo nem na sua definição. A este propósito, há muitas definições e conceitos.

¹⁶ Ver Act 13,21, que cita o v.21, e Ap 1,5, que cita implicitamente o v.28.